

FATOS E NOTAS

O PROFESSOR DUARTE LEITE E UM PARAQUEDISTA DA HISTÓRIA.

Na sessão do mês de agosto de 1954 da Sociedade de Estudos Históricos, o professor português Vitorino Magalhães Godinho fez uma conferência subordinada ao título *A Historiografia Portuguesa* (orientações, problemas e perspectivas), que depois desenvolveu e foi publicada nos números 21 e 22 desta *Revista*, de páginas 3 a 21. Na página 13 encontra-se esta passagem:

“Assim (referindo-se ao professor Duarte Leite) liquidou definitivamente as pretensões de espanhóis ou Vespúcio terem abordado o Brasil antes de 1500 — por puro espírito científico e não exaltação nacionalista — nesse livro inexecedido *Os falsos percursos de Alvares Cabral*, que os paraquedistas da história dos descobrimentos não há maneira de compreenderem — por falta de formação e incapacidade de análise rigorosa. Quando no Novo Mundo, desprezando todo o labor da erudição europeia — por exemplo, de um Magnaghi —, se orquestrou toda uma campanha de reabilitação de Américo Vespúcio, para concluir o acerto do nome de América — como se a função da autêntica história fôsse rebaixar ou exaltar, justificar ou condenar batismo —, Duarte Leite publicou na revista *Seara Nova* e no *Boletim da Unesco* irresponsáveis análises que excelente seria fôsem meditadas sem paixão e com humildade”.

Ora, tendo nós realizado em 1947 um curso de extensão aos alunos da cadeira da História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, justamente sobre Vespucci e pondo em relêvo a importância de suas viagens para o estudo da história da geografia do Novo Mundo, é evidente que somos atingidos em cheio pelas referências do professor Godinho, quando alude aos “paraquedistas da história dos descobrimentos que, por falta de formação e incapacidade de análise rigorosa”, não há maneira de compreenderem que tratando-se da prioridade do descobrimento do Brasil, o *nec plus ultra* é o seu conterrâneo professor Duarte Leite.

As críticas que este professor publicou na revista *Seara Nova*, a que alude o professor Godinho, uma no número de 5 de novembro de 1949 e outra no de 17 de junho de 1950, foram de trabalhos de nossa autoria o que muito nos desvaneceu. A análise publicada em novembro de 1949, refere-se à tese que apresentamos ao IV Congresso de História Nacional realizado no Rio de Janeiro em

abril do ano citado, sob o título *A Expedição de 1501-1502 e Amerigo Vespucci*. A estampada em junho de 1950 ocupa-se do nosso livro *Amerigo Vespucci e suas viagens*, publicado em 1949 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, boletim número 105.

A análise que Duarte Leite fez da nossa tese apresentada ao referido Congresso de História, foi respondida primeiramente em um opúsculo que teve larga distribuição aqui no Brasil e em Portugal. Depois em artigo publicado no número III desta *Revista*, correspondente aos meses de julho a setembro de 1950, e finalmente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, volume XLIX. A refutação nós a endereçamos ao professor Damião Peres, da Universidade de Coimbra, por lhe pertencer a prioridade da crítica e porque Duarte Leite, *mutatis mutandis*, nada mais fez que repetir os argumentos de que se socorrera o professor Peres, dando-nos a idéia de que existe um plano sistematizado entre os historiadores portugueses para combater os que não lêem pela sua cartilha.

Com relação à análise que Duarte Leite fez do nosso livro na *Seara Nova* de 17 de junho de 1950, demos uma sucinta resposta pelas colunas do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro em outubro desse mesmo ano, refutação essa que agora vamos aqui reproduzir não só ampliada como expurgada de pequenos erros de revisão, para que os leitores possam, com pleno conhecimento de causa, aquilatar se de fato os "paraquedistas da história", como nós, no dizer do professor Godinho, apresentam falta de formação e de capacidade de análise rigorosa para cuidarem da história dos descobrimentos marítimos e, em particular, de Vespucci e suas viagens.

* *
*

Analizando o nosso referido livro, começa o professor Duarte Leite por dizer:

"Ele (referindo-se à nossa pessoa) é o mais moderno vespucista de que temos notícia, e conta entre os descrentes na autenticidade de todos os escritos imputados ao seu protagonista. Fia-se para tanto em Alberto Magnaghi, que apenas isentou de apócrifas as três cartas de 1500, 1501 e 1502: seus argumentos são reproduzidos pelo historiador brasileiro, que lhes junta transcrições doutros americanistas e comentários de sua lavra, a que não pude achar interesse".

Que Duarte Leite não encontre interesse no que escrevemos a respeito de Vespucci, é uma opinião como outra qualquer que

devemos respeitar por elementar noção de bom tom. Quem, como o ilustre professor português diz que o Florentino não passa de um “noveleiro mentiroso, astrônomo improvisado, cosmógrafo que repete conceitos de outrém, falso descobridor que se apropria de glórias alheias”, não é de se admirar que receba de lança em riste todo o historiador que procure dar a Vespucci o que de direito lhe pertence. Curioso é que Duarte Leite que diz não achar interesse nos nossos argumentos a favor do Florentino, tenha se dado ao árduo trabalho de escrever 6 longas páginas em corpo 10 e em dupla coluna no citado periódico lisboeta para contestar o nosso livro.

Logo em seguida diz este professor:

“Descreve em seguida a viagem que Vespúcio, na sua apócrifa *Lettera al Soderini*, diz ter feito em 1497-1498, cuja inexistência mostra com várias razões, entre as quais esquece mencionar outra muito importante: é que o vaidoso florentino não lhe faz a menor alusão na sua carta autêntica de 1500, escrita em 18 e não em 28 de julho, como a data Marcondes de Souza”.

No nosso livro, página 103, existe este tópico que, por um lamentável cochilo, Duarte Leite não leu:

“A carta que de Sevilha, em 18 ou 28 de julho de 1500, enviou Vespucci ao seu amigo e patrão Lourenço de Pier Francesco de Médici narrando a sua viagem ao Novo Mundo em 1499, começa com a seguinte frase: “Faz bastante tempo que não tenho escrito a Vossa Magnificência; isso aconteceu por não haver ocorrido coisa alguma digna de memória”. Oscar Peschel (1) comentando essa passagem da carta diz que é lógico concluir-se que, se Vespucci tivesse realizado qualquer viagem anteriormente à de 1499, ele teria dado disso noticia ao Médici e, *ipso facto*, não teria começado a carta do modo que iniciou”.

Quer nos parecer que pusemos bem em evidência que a carta de Sevilha de 1500 não faz nenhuma alusão à viagem de 1497-1489. Portanto não esquecemos de assinalar uma das razões de grande importância, notada por Peschel em 1865, e não agora por Duarte Leite, para contestar ter Vespucci realizado a primeira viagem a que faz alusão a *Lettera al Soderini*. Mas o que em realidade nos surpreende, é um historiador de tanta cultura como Duarte Leite dizer que erramos ao indicar a data de 28 de julho de 1500 para a carta que de Sevilha expediu Vespucci ao Medici, pois que a data certa é 18 do referido mês e ano. Isso nos leva a afirmar que este historiador português ainda não está bem en-

(1). — *Geschichte der Erdkunde*, München, 1865, página 309, nota I.

fronhado a respeito dos códices florentinos, porque a carta em apreço existe por-cópia em dois códices: no de Piero Vaglienti ou *Riccardiano 1910* e no *Riccardiano 2112 bis*, sendo que no primeiro tem a data de 28 e no segundo a de 18 de julho de 1500, não se podendo afirmar qual dessas duas datas é a certa, qual confere com a carta original, porque esta extraviou-se.

Prosseguindo na sua análise, diz Duarte Leite que incorremos em inúmeros erros, enganos e omissões de documentos quando tratamos da expedição Hojeda-Vespucci de 1499-1500, sem todavia apontar êsses erros, êsses enganos e essas omissões no nosso livro. Diz mais que a peça fundamental na questão é o depoimento dêsse capitão (Hojeda) em 1513 nas *Probanzas del Fiscal*, transcrito por nós com incorreções, das quais a de maior vulto consiste na troca de *casi* por *ansi*, na distância entre Pária e o ponto de acostagem de Hojeda ao continente sul-americano.

A transcrição que fizemos no nosso trabalho da resposta que Hojeda deu à quinta pergunta do Fiscal, foi recorrendo à conhecida e preciosa obra de Navarrete (2) onde no volume III, página 544 se lê:

“Alonso de Hojeda dice, que la verdad de esta pregunta es que este testigo es el dicho Hojeda, que vino à descubrir; el primero hombre que vino à descubrir despues que el Almirante, é descubrió al mediodia la tierra firme, é corrió por ella *ansi* 200 leguas hasta Pária, é salió por la boca del Drago, é alli conoció que el Amirante habia estado en la isla de Trinidad junto con la boca del Drago” etc.

O professor Duarte Leite que afirma ter se utilizado do extrato dos *Documentos inéditos de Índias*, tomo VII e VIII da segunda série, *Pleitos de Colon* (3), transcreve a referida resposta de Hojeda ao Fiscal onde há esta divergência: em vez de “corrió por ela *ansi* 200 léguas hasta Pária”, como está em Navarrete, se lê, “corrió por ela *casi* doszientas léguas hasta Pária”. Onde a frase em estudo está transcrita com acerto? Na monumental obra de Navarrete, ou nos *Documentos inéditos de Índias* que o professor compulsou? Evidentemente que esta dúvida só pode ser esclarecida consultando-se os originais, o que não consta ter feito o professor da Universidade do Pôrto. Portanto não lhe assiste razão quando procura insinuar termos praticado uma fraude substituindo a palavra *casi* por *ansi* no referido depoimento de Hojeda. Para a tese que defende Duarte Leite, é de toda a vantagem que a palavra seja *casi*, porque assim pode diminuir a distância que

(2). — *Collecion de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV*. Buenos Aires, 1945.

(3). — *Os falsos precursores de Alvares Cabral*, Lisboa, Portugália Editôra, páginas 228 a 238.

vai desde a acostada de Hojeda e Vespucci no continente sul-americano até a península de Pária, podendo conjecturar ter êste navegante espanhol apenas atingido um ponto do litoral da Guiana Holandesa onde a latitude é superior a 6 graus N., quando na opinião do erudito historiador brasileiro Joaquim Caetano da Silva (4) o local abordado foi a 4 graus e meio de latitude N., na baía do Oyapoc.

Em seguida a passagem que acabamos de apreciar da crítica que Duarte Leite faz do nosso livro, deparamos com êste tópicó:

“Outro êrro descubro no livro de Marcondes de Souza, onde a página 154 assevera ter Vespúcio comandado um dos barcos de 1499: a verdade é que foram comandados por Hojeda e D. Fernando de Guevara, como consta da *Pesquisa contra Alonso de Ojeda sobre su primer viage a las Indias*, precioso documento de que o historiador brasileiro extraiu noticias incompletas à página 93 do livro”.

Hojeda partiu em 18 de maio de 1499 do pôrto de Santa Maria, na foz do Guadalete, com um único navio, como diz Duarte Leite (5), o que nos causa dúvida, e perto do cabo Guer encontrou quatro caravelas de pesca, conseguindo aliciar uma à sua aventura, como também nos conta êste historiador português (6). Acontece que Vespucci na sua carta de Sevilha ao Médici, que Duarte Leite reconhece como autêntica (7), diz que a expedição ao partir da Espanha compunha-se de 2 caravelas. Então, na pior das hipóteses, a frota ao abordar terra do continente sul-americano contava com êsses dois navios e mais aquêlê aliciado no cabo Guer, ao todo três: um comandado por Hojeda, outro por D. Fernando de Guevara e o terceiro por quem? Opinamos por Vespucci pelas razões que passamos a aduzir. Como o Florentino antes de ser nomeado pilôto-mor, tinha na Espanha o posto de capitão, como fácil é verificar-se consultando vários documentos dos arquivos espanhóis transcritos por Navarrete na sua citada obra (8), e sendo êsse pôsto, tratando-se de marinharia, privativo de comandante de navio ou de frota, segue-se que Vespucci foi pelo menos comandante de navio. Uma vez que não foi em Portugal, na expedição de 1501-1502, que conquistou êsse pôsto, óbvio que foi naquela de 1499-1500 a serviço dos Reis Católicos, quando navegou em parte com Hojeda.

Estende-se Duarte Leite em outras considerações a respeito da viagem de 1499-1500, dizendo que incorremos em vários erros,

(4). — *L'Oyapoc et L'Amazone*, Paris, 1899, volume II, páginas 282 a 387.

(5). — Obra citada, página 22.

(6). — Obra citada, página 23.

(7). — Obra citada, páginas 38 a 40. *Serra Nova*, número de 17 de junho de 1950, página 178, primeira coluna.

(8). — Obra citada, edição argentina, Buenos Aires, 1945, volume III, páginas 285, 286 e 303.

a saber: a distância em que a frota encontrou dôce as águas marítimas foi a 15 e não a 25 léguas do litoral, como dissemos; ao penetrarem os batéis da expedição num rio muito caudaloso, percorreram 18 e não 15 léguas como afirmamos.

Ora, quem cochila é o ilustre professor português. Louva-se na cópia da referida carta que de Sevilha enviou Vespucci ao Médico, existente por cópia no *Códice Riccardiano 2112 bis*, ao passo que todo o nosso estudo é baseado na cópia dessa carta que se encontra no *Códice Riccardiano 1910* da autoria de Piero Vaglianti. Êste descuido do professor da Universidade do Pôrto, já o pusemos em evidência linhas atrás. Podemos citar aqui um outro facto que prova andar Duarte Leite muito atrasado no conhecimento de documentos e de publicações que interessam o estudo a que se dedica com invulgar carinho. Em 1921 ao publicar na *História da Colonização Portuguesa do Brasil* o seu trabalho intitulado *Os falsos precursores de Álvares Cabral*, declarou que ser-lhe-ia impossível a feitura do mesmo se não tivesse a ventura de poder recorrer ao raríssimo livro de Montalboddo existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, editado em Vicença em 1507 com o título *Paesi Nuovamente Ritrovati e Novo Mondo de Alberico Vesputio Florentino Intitolato* (9), ignorando completamente que, quando escrevia o seu referido trabalho, o livro de Montalboddo tinha sido publicado em *fac-simile* em 1916 e exposto à venda pela Princeton University, que se serviu da segunda edição feita em Milão em 1508.

O professor Duarte Leite continuando na sua crítica ao nosso livro, afirma que os pilotos espanhóis, inclusive Juan de la Cosa, que considera o mais capaz, erravam muito ao calcular latitudes porque só sabiam medi-las observando a estrêla polar numa das suas culminações, o que não ocorria com os pilotos portugueses que desde 1485 calculavam-nas pela altura do Sol. E continua: se o pilôto principal da expedição de 1499 (Juan de la Cosa) não tinha capacidade para medir latitudes sem grandes erros, e bem assim Vespucci, fôrça é concluir-se que a de 6 graus sul, a que se refere a carta de Sevilha, foi inventada por quem a falsificou.

Mas a verdade é que, dando o Florentino, por exemplo, 8 graus de latitude sul para o cabo de Santo Agostinho, errou muito menos que o famoso cosmógrafo português Duarte Pacheco Pereira que colocou o cabo de São Roque a 5°, 30 minutos, de latitude sul, quando em realidade está a 3° 30 minutos, a Bahia de Todos os Santos a 15°, 40 minutos, estando a 12°, 56 minutos, Cabo Frio a 25°, quando está a 23°, 30 minutos sul e assim por diante (10).

(9). — *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1921, vol. I, página 130.
(10). — Roberto Levill'er, *América la bien llamada*, Buenos Aires, 1948, vol. I, página 165.

Prosseguindo na sua crítica ao nosso livro, diz Duarte Leite o seguinte, referindo-se à carta de Sevilha:

“Finalmente assinala outra intervenção do falsificador da determinação duma longitude por meio da distância angular da Lua ao planeta Marte: o astrônomo Hermann Wagner demonstrou-a forjada, e pois o método das ocultações de planetas pela Lua foi primeiro anunciado por João Werner em 1515, deve a fraude ser posterior a êsse ano, quando já havia três era morto o Florentino”.

Ora, quando em 1917 o astrônomo Hermann Wagner disse que a descrição do processo da determinação da longitude pelas ocultações de planetas pela Lua era forjada, o seu principal argumento partia da convicção de que a carta de Sevilha era apócrifa, ao passo que Duarte Leite, como já vimos, a considera autêntica... salvo quando narra certos fatos que põe em cheque a sua vaidade nacional. No caderno de Piero Vaglianti que agora é conhecido por *Códice Riccardiano 1910*, a carta de Sevilha é o terceiro documento copiado, sendo que após esta carta, Vaglianti copiou mais trinta, não deixando o menor espaço disponível entre as cópias. O sábio historiador italiano Gustavo Uzielli (11), biógrafo de Vaglianti, diz que êste encerrou o seu caderno em 1513 e em 1514 faleceu em sua terra natal, isto é, em Florença. Como João Werner, não em 1515, como erradamente diz Duarte Leite, mas em 1514, divulgou o seu método das ocultações de planetas pela Lua, admitindo-se por absurdo, só para argumentar, a existência de espaço disponível no caderno de Vaglianti, seria muito pouco provável que naquela época, quando as notícias eram divulgadas com grande morosidade, tivesse êle conhecimento pouco antes de morrer do citado método de Werner, com tempo de acrescentá-lo à cópia da carta de Sevilha. Acaso o acréscimo teria sido feito, não por Vaglianti, mas por uma outra pessoa após a sua morte? Não, porque desde a primeira até a última palavra, êsse códice, que tem 184 fôlhas de papel, foi escrito por Vaglianti, conforme verificamos em maio de 1951 quando estivemos em Florença fazendo pesquisas.

Quanto ao *Códice Riccardiano 2112 bis*, constatamos ao examiná-lo demoradamente, que se trata de um documento coetâneo do *Códice Riccardiano 1910* que é do começo do século XVI, sendo como já dissemos, cópia da carta que Vespucci enviou de Sevilha ao Médico narrando a sua viagem de 1499-1500. Êste códice desde a primeira até a última palavra, também foi escrito por uma só pessoa, não dando margem à irrefletida afirmativa de Duarte Leite, de ter sofrido interpolações. Aliás Varnhagen após tê-lo

(11). — Revista *Toscanelli*, Florença, 1893, fascículo único, páginas 27 a 31.

examinado em 1858, o considerou obra de um falsário que tentou imitar a caligrafia e a assinatura de Vespucci, no que errou, porque em realidade ninguém afirmou ser autógrafo, mas sim uma simples cópia. Todavia, convém ser posto em evidência que o Visconde de Pôrto Seguro não constatou nele a existência de qualquer interpolação ou acréscimo.

Com relação ao cálculo de longitude feito por Vespucci a 23 de agosto de 1499, em que houve conjunção da Lua com Marte, o astrônomo Melvin V. Landon, da Universidade de Maine, fez computações para determinar os tempos certos das conjunções no ano referido pelo Florentino, tanto em Ferrara como nos lugares onde este navegante fez os seus cálculos, usando as tábuas preparadas por V. Neugebauer, *Tafeln zur astronomische Chronologia*, 3 vols. 1912, 1914, 1915, e também "Genearte Tafelen für Sonne und Planeten", na *Astronomische Nachrichten*, n.º 5937, vol. CCXLVIII, março de 1933. Disse Landon que os resultados apresentados por Vespucci são geralmente exatos dentro de uma aproximação de 30 minutos. As palavras textuais de Landon são as seguintes:

"a maioria dos cálculos caem dentro destes limites. A conjunção de 23 de agosto de 1499, é certa com uma diferença provável de alguns minutos. Para a conjunção da Lua com Júpiter em 15 de setembro de 1499, Landon dá como a hora mais provável 10:45 A. M. no meridiano de Greenwich, com meia hora como limite de erro" (12).

Continuando a analisar o nosso livro, diz Duarte Leite que laboramos num erro que reputa capital, quando afirmamos que os dois grandíssimos rios mencionados em primeiro lugar na carta de 1500, eram o Amazonas (própriamente dito) e o Pará, espousando assim a teoria de Magnaghi.

Há manifesto equívoco da parte deste historiador luso porque em absoluto não dissemos que os dois caudalosos rios citados em primeiro lugar na carta de Sevilha eram o Amazonas e o Pará. O que está escrito à página 122 do nosso livro é justamente o contrário de que supõe o professor Duarte Leite. E' o seguinte:

"Ora, dizemos nós, ao sul do ponto onde a frota tentou desembarque, só existem dois rios que, à primeira vista, podem ser identificados com aqueles a que se refere o Florentino: o Amazonas e o Tocantins ou melhor o Pará. Mas ponderando-se bem, fôrça é concordar com a opinião de Magnaghi quando opina que Vespucci entrando no estuário do Amazonas a sudoeste da ilha Caviana, queria aludir ao ramo principal da esquerda e ao

(12). — Frederick J. Pohl, *Amerigo Vespucci piloto mayor*. Tradução argentina, Buenos Aires, 1947, páginas 272 a 273.

outro grande estuário que se dirige de sul a norte e que fica à direita da ilha dos Porcos”.

Em seguida diz Duarte Leite que Vespucci ao sair da foz do caudaloso rio navegou apenas 40 léguas em direção ao sul, não podendo portanto ter atingido 6 graus de latitude, porque 40 léguas correspondem apenas a 2º, 11 minutos. Mas em realidade tudo não passa de mais um deslize do ilustre historiador português que não soube traduzir a passagem da carta de Sevilha que faz alusão ao percurso feito por Vespucci desde a foz do Amazonas até 6 graus de latitude sul, onde encontrou uma corrente marítima tão forte que impediu a navegação no rumo que levava. Vamos transcrever aqui o tópico da carta de Sevilha em apreço, recorrendo ao *Códice Riccardiano 2112 bis*, que Duarte Leite conhece, pois foi dêste códice que se socorreu não só para criticar o nosso livro, como também para enriquecer a documentação que se encontra no seu trabalho *Os falsos precursores de Álvares Cabral*. Reza a passagem o seguinte:

“E giunti, che fummo à navili ci levammo facendo vela, tenendo la prua di continuo a mezzodi; e navigando a questa via, e *stando larghi in mare, al piè di quarenta leghe*, riscontrammo una corrente di mare, che correva di scirocco al maestrale, che era tam grande, e con tanta furia correva, che ci misse gran paura, e corremmo per essa grandissimo pericolo. La corrente era tale, che quella dello Stretto di Gibilterra, e quella del Farro di Messina, sono uno stagno a comparazzioni di essa d'un modo, che como ella civeniva per prua, non acquistavamo cammino nessuno, acora che avessino il vento fresco; di modo che visto il poco cammino que facevamo, e il pericolo in que stavamo, accordammo di volger la prua al maestrale, e navicare alla parte di settentrione” (13).

Evidente está, pela transcrição que fizemos do tópico da carta de Sevilha, que Vespucci não indica o número de léguas percorridas em direção ao sul ao deixar a foz do Amazonas até encontrar a corrente marítima que impedia a navegação, como erradamente opina o professor Duarte Leite, mas apenas relata que a navegação foi feita estando o navio afastado cêrca de 40 léguas do litoral (... e *stando larghi in mare, al piè di quarenta leghe*).

O estudo da cartografia americana vetustíssima revela que, nos mapas de Juan de la Cosa, Cantino, Cavério, Hamy, Ruysch e Waldseemüller de 1507, existe um trecho do litoral leste da América meridional, pouco depois da foz do Amazonas até quase ao cabo de São Roque, onde não figura nenhum topônimo. Êste tre-

(13). — Apud Henry Vignad, *Americ Vespucci, etc.*, Paris, 1917, páginas 294 a 399.

cho, na opinião de Magnaghi, é aquêlé que Vespucci percorreu quando afastado do litoral cêrca de 40 léguas.

Continuando a criticar o nosso livro, diz Duarte Leite o seguinte:

“Este (referindo-se à nossa pessoa) cai ainda em pesado êrro afirmando que Hojeda e Vespucci se apartaram após a acostagem à terra firme, na latitude provável de 5 graus boreais: isto com o objetivo de explicar a aparente incompatibilidade das quase 200 léguas do capitão com a latitude 6 graus sul do seu sócio. O historiador baseia-se sómente, ao que parece, no seguinte depoimento de Cristobal Garcia em 1515 nas *Probanzas del Fiscal: al tiempo quel, dicho Ojeda e juan de la cosa vinieron de descubrir de tierra firme, este testigo estaba en santo domingo, e alli vinieron los sobredichos en un barquete, que avian perdido los navios, e con obra de quinse a veynte ombres, que los outros avian muerto e quedado*. Este depoimento não obsta a que com Hojeda e La Cosa viesse também Vespucci; e é mentiroso, porque Hojeda não perdeu navio algum, como consta duma carta de Roldan a Colombo”.

Acontece que Cristobal Garcia não foi a única testemunha que disse ter Hojeda sofrido naufrágio. Jacome Ginoves, em 1512, em São Domingo, nas *Probanzas del Almirante*, declarou que o aventureiro espanhol ao voltar de terra firme perdeu a caravela em Yaquimo (14).

O ilustre crítico do nosso trabalho, como se vê, tem uma idéia fixa: descobrir erros e mais erros no que escrevemos. Mas como estamos vendo, êsses erros só existem na sua fecunda imaginação. Hojeda no seu depoimento de 8 de fevereiro de 1513 nas *Probanzas del Fiscal*, disse que levou consigo vários pilotos, mas só cita nominalmente Juan de la Cosa e Vespucci. Isto importa em se concluir que, dos pilotos que viajavam na sua frota, apenas êstes dois eram os de maior capacidade. Durante a viagem ocorre naufrágio, salvando-se parte da maruja, o que como já vimos, é relatado por Cristobal Garcia no seu depoimento. Entre os que se salvaram, esta testemunha cita Hojeda e Juan de la Cosa, nada dizendo a respeito de Vespucci que, como sabemos, estava vivo na época do naufrágio, pois só veio a falecer em 1512, em Sevilha. Perguntamos: caso o Florentino tivesse aportado em Haiti em companhia de Hojeda e La Cosa, tendo ou não sofrido naufrágio, as testemunhas em apreço podiam ter esquecido o nome de quem fôra o primeiro pilôto-mor da Espanha? A carta de Francisco Roldan a Colombo, a que se refere Duarte Leite, não faz referência ao naufrágio, mas também não menciona o nome de Vespucci entre os tripulantes da frota de Hojeda. Êste fato não invalida a

(14). — Duarte Leite, obra citada, página 269.

nossa tese: pelo contrário reforça-na. E' mais uma testemunha que não constatou a presença do Florentino entre a maruja da expedição em apreço. Na *Pesquisa contra Alonso de Ojeda sobre su primer viaje á las Indias* (15), a que atrás nos referimos, a testemunha Juan de Velasques interrogada a respeito da tripulação da frota de Hojeda, citou êste, Juan de la Cosá, os pilotos Sanchez, Diogo Martin, Fernando Guevara, o contra-mestre Nicola e até um marujo genovês de nome Bota, mas não fêz a menor alusão ao estrangeiro tão distinto como era Vespucci, prova evidente de que êle não fazia parte da equipagem. Onde então estava o Florentino que não foi visto por ninguém entre os tripulantes da expedição de Hojeda? Na carta de Sevilha ao Médici, que insistimos em dizer, Duarte Leite considera autêntica, relata Vespucci que o tempo que esteve na linha equinocial ou afastada dela cêrca de 4 a 6 graus, foi nos meses de julho, agôsto e setembro, percorrendo, dizemos, nós, o litoral norte do Brasil e o das Guianas.

Comprovam ainda que Vespucci se separou de Hojeda os seguintes fatos: *Primo*. Hojeda aportou em 5 de setembro de 1499 em Yaquimo, na ilha de Haiti, ao passo que Vespucci desembarcou nesta ilha, não em Yaquimo, mas em São Domingo, cêrca de 5 meses depois. *Segundo*. Conta Las Casas que Colombo logo que teve notícia da chegada de Hojeda em Haiti, escreveu aos Reis Católicos dizendo:

“Hojeda llegó ha cinco dias al puerto adonde es el brasil (Yaquimo); dicen estos marineros que, segun la brevedad del tempo que no puede haber descubierto terra” (16).

Isto prova que Hojeda navegou menos que Vespucci, não o tendo acompanhado no percurso desde a foz do Oyapoc até 6 graus de latitude sul. *Tertio*. O Florentino voltou à Espanha em julho de 1500, como se nota pela leitura da sua carta de Sevilha ao Médici, ao passo que Hojeda retornou muito antes, em abril dêsse mesmo ano, como se deduz do depoimento de Nicolas Peres ao responder a terceira pergunta do Fiscal, dizendo que Hojeda tinha voltado poucos dias antes de Alonso Niño e Cristobal Guerra, que regressaram a 6 de abril (17).

Prosseguindo na sua crítica, diz Duarte Leite que:

“O artificio da separação seduziu Henrique Vignaud, que a imaginou antes do castelhano deixar o continente em direção a Haiti; e também sorriu a Roberto Levillier, que na sua obra *America la bien llamada* se alonga em

(15). — Duquesa de Alba e Berwick, *Autógrafos de Colon y papeles de America*, Madri, 1892, página 25.

(16). — Bartolomeu Las Casas, *Historia de las Indias*, Madri, 1875, vol. II, páginas 393 a 394.

(17). — Henry HARRISSE, *The Discovery of North America*, Paris, 1892, página 676.

fantasias, destinadas a provar que o Florentino descobriu o Brasil em 1499. Marcondes de Souza está convicto de que tal descoberta foi em 1500”.

Podia Duarte Leite aumentar a lista dos historiadores de renome que opinam ter havido a separação a que fazemos alusão. Podia incluir nesse rol Henry Harrisse e o grande mestre brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen. Lamentamos dizer que estamos em face de mais um deslize dêste historiador português, quando afirma estarmos convictos de que o Brasil fôra descoberto por Vespucci em 1500. O que afirmamos em nosso livro é que, de acôrdo com a carta de Sevilha, que Duarte Leite considera autêntica, partiu o Florentino a 18 de maio de 1499 de Cadiz para o Novo Mundo. Após ter aportado na ilha Gomera para provisão do necessário, desferrou desta em direção a sudoeste e, depois de 24 dias de navegação, deitou âncora na baía do Oyapoc. Dêste ponto rumou para o sul penetrando na foz do Amazonas. Saindo dêste rio com o rumo que levava, atingiu 6 graus de latitude sul, sendo que essa navegação foi nos meses de julho, agôsto e setembro de 1499 e não de 1500.

Em 1923, no volume II da *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, publicou Duarte Leite um trabalho intitulado *O mais antigo mapa do Brasil*, onde, entre outras coisas, procura provar que a expedição portuguesa enviada ao Brasil em 1501-1502, da qual participou Vespucci como figura de grande relêvo, não foi estipendiada pelo Governo Português, mas sim pelo banqueiro e mercador florentino Bartolomeu Marchioni, de parceria com os judeus conversos. Comandada por Fernão de Noronha, essa expedição de torna viagem para Portugal, a 24 de junho de 1502 descobriu uma ilha então denominada São João, ilha esta assinada no planisfério de Cantino com o nome de *Quaresma* e doada a 16 de janeiro de 1504 ao seu descobridor.

Duarte Leite não apresenta nenhum documento que prove esta sua arriscada conjectura, mas era necessário formulá-la por vaidade nacional, uma vez que seria grande desdouro à história dos descobrimentos marítimos dos portugueses, ter Vespucci tomado parte numa expedição oficial enviada ao Brasil pelo rei D. Manuel, com o objetivo de demarcar o seu litoral.

Combateamos no nosso livro essa temerária conjectura dêste historiador e, agora, na análise ao nosso trabalho, volta a repeti-la sumariamente. Trata-se de uma tese que nasceu sofrendo do “mal de sete dias”, teve vida efêmera, pois viveu até 1939, quando A. Fontoura da Costa (18) nos revelou a existência na Biblioteca

(18). — *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes*, Lisboa, 1939, páginas 91 a 96.

de Stuttgart do ato notarial de Valentim Fernandes, tabelião público juramentado de Lisboa, datado de 20 de maio de 1503, pelo qual fica provado de modo insofismável que a expedição em apreço foi oficial, foi estipendiada pelos cofres públicos e cumpriu ordens do rei D. Manuel.

O professor Duarte Leite ao criticar o nosso livro, não contesta a nossa afirmativa (menos mal) de não ter Vespucci participado da expedição de 1503-1504 enviada ao Brasil. Apenas discorda que o comandante tenha sido Fernão de Noronha, como somos de parecer pelas razões que apresentamos e que são as seguintes: sabemos pelo relato de Lunardo de Ca' Masser, escrito de 1506 a 1507, cujo texto e tradução se encontram no volume da Academia das Ciências de Lisboa, comemorativo ao IV centenário do descobrimento da América, que Fernão de Noronha era concessionário e associado de cristãos novos que arrendaram a *Terra de Santa Cruz*. Pela carta que Piero Rondinelli enviou de Sevilha a Florença em 3 de outubro de 1502, fica provado que esse arrendamento foi pelo prazo de três anos. Como o rei D. Manuel ao conceder a 6 de outubro de 1503 certos privilégios a mercadores alemães diz que o contrato de arrendamento de Fernão de Noronha terminava em 1505 (19), segue-se que esse contrato só poderia ter sido assinado nos últimos dias de 1502 ou começo de 1503. Acresce esta circunstância: não é admissível que Noronha e os cristãos novos assinassem o contrato de arrendamento da *Terra dos Papagaios*, submetendo-se às cláusulas de grande responsabilidade que conhecemos, sem que previamente tivessem notícias seguras dessa região e do que nela podiam explorar com objetivo de lucros. Portanto só depois do retorno da expedição de 1501-1502 é que o contrato foi firmado entre as partes interessadas, e só depois disso é que Noronha partiu para o Brasil em 1503.

Continuando a analisar o nosso livro, diz Duarte Leite:

“Ele (referindo-se à nossa pessoa) dedica todo um capítulo a demonstrar que a ciência náutica dos portugueses se não avantajava em 1502 à doutros povos europeus. Começa transcrevendo um longo trecho da *America la bien llamada* de Levillier, onde alega serem universalmente conhecidos os *Libros del saber de astronomia* de Afonso X de Castela, o *Tratado da esfera* do monge Sacrobosco, as *Ephemerides* do astrônomo alemão Regiomonte, publicadas em 1474, o *Almanach perpetuum* do judeu hispano-árabe Zacuto, traduzido do hebraico em latim pelo judeu José Vizinho e publicado em 1496 na cidade de Leiria. Tôdas estas obras facultavam aos pilotos europeus as noções astronômicas necessárias à navega-

(19). — Arquivo da Torre do Tombo. Chancelaria de D. Manuel, livro XXII, fôlhas 25.

ção, em especial a determinação de latitudes em ambos os hemisférios, e no austral pelo método das alturas meridianas do sol. Desde já observo que o *Tratado da esfera* não cuidava de calcular latitudes; que o aliás raríssimo manuscrito dos *Libros del saber de astronomia* só ensina a aplicação dêsse método em lugares situados acima do trópico de Câncer; que as *Ephemerides* não trazem as declinações solares, e portanto não permitiam usar do método citado; que o *Almanach perpetuum* e sua tradução latina, embora fornecessem essas, declinações, não as acompanhavam de regras práticas do seu uso, sendo preciso que elas fôsem ministradas aos pilotos portugueses no *Regimento do estrolábio e do quadrante*, longos anos secreto e que antes de 1509 circulou manuscrito”.

Primeiro que tudo há manifesto equívoco da parte de Duarte Leite, porque não fizemos alusão ao ano de 1502 para indicar a época em que a ciência náutica portuguesa não se avantajava à de outros povos da Europa, mas sim nos referimos ao fim do século XV e começo do XVI. Quanto aos livros que o historiador argentino Roberto Levillier indica, e que constituíam a base da ciência náutica naquela época, temos a objetar o seguinte: se o *Tratado da esfera* de Sacrobosco não cuidava do cálculo de latitudes, ocupava-se, em compensação, da aplicação do astrolábio à medição do grau do meridiano terrestre, sendo de tanta importância para a náutica que o citado e gabado *Regimento do estrolábio e do quadrante* contém uma tradução portuguesa dessa obra e o famoso matemático luso Pedro Nunes, não só a traduziu em 1537 para o português, como também a comentou (20). Quanto aos *Libros del saber de astronomia*, é certo que o capítulo XXX do II volume traz uma tábua que só serve para calcular latitudes pela altura do Sol para lugares de latitudes norte, acima do trópico de Câncer, mas no volume III, capítulo XX, existe uma outra tábua da autoria do célebre astrônomo árabe de Córdova, de nome Azaquiel, para calcular latitudes de lugares situados no hemisfério norte. Dêste modo esta tábua teria sido de grande utilidade aos nautas portugueses até passarem a equinocial (em 1471) quando nas navegações ao longo da costa ocidental da África, se nessa época soubessem calcular latitudes pela altura do Sol, o que não sucedia. Essas duas tábuas, mais conhecidas por *Tábuas Afonsinas*, não eram tão raras como diz Duarte Leite porque, delas existiam cópias manuscritas e, em 1483, foram impressas pela primeira vez.

Tratando-se das *Ephemerides* da autoria do astrônomo alemão Johann Müller, devemos concordar com o que disse Bensaúde e

(20). — A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos*, Lisboa, 1939, páginas 92 e 419. *A arte de navegar dos portugueses*, por Luciano Pereira da Silva, na *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. I, página 39.

ora repete Duarte Leite: não traziam a tábua das declinações solares. Mas um ano depois da publicação dessa obra de Regiomonte, isto é, em 1475, este famoso astrônomo publicou a tábua das declinações solares com o título de *Tabula directorum*, de modo que o maior trabalho que podiam ter os interessados, seria copiá-la em meia fôlha de papel e anexá-la às *Ephemerides*. Note-se que Vespucci na sua carta de Sevilha ao Médici, diz ter examinado esta obra de Regiomonte ao determinar a longitude por meio da distância angular da Lua ao planeta Marte, prova evidente de que conhecia alguma coisa da astronomia náutica.

Duarte Leite, como já vimos, é de opinião que a tábua das declinações solares contida no *Almanach perpetuum* de Zacuto, não era de fácil manêjo, pelo que tiveram necessidade de adaptá-la ao uso dos pilotos portugueses no *Regimento do estrolábio e do quadrante*, mais conhecido como *Regimento* ou *Manual de Munique*, mantido secreto até 1509, mas que circulou manuscrito. Ora, se a tábua circulou manuscrita, então o sigilo teria sido de polichinelo e o privilégio de hábeis medidores de alturas, atribuído unicamente aos pilotos portugueses daquela época, não passa de pura fanfarronada. Que a tábua em apreço não era segredo aos interessados em medir alturas, confirma isso o seguinte fato: entre 1488-1491, em todo o caso antes da sua primeira viagem ao Novo Mundo, Colombo copiou na fôlha de guarda do seu exemplar do *Imago Mundi* do cardeal Pedro d'Ailly uma tábua das declinações solares igual à do *Almanach perpetuum* de Zacuto, que só foi traduzido do hebraico para o latim em 1496 por José Vizinho. Como Colombo não sabia hebraico, não podia ter se utilizado do trabalho de Zacuto publicado nesta língua em 1474. Assim, antes de ter Vizinho feito a tradução a que nos referimos, a tábua circulava manuscrita em latim por toda a península ibérica e um exemplar foi ter às mãos de Colombo. E querem nos convencer de que havia sigilo no que dizia respeito à parte científica da navegação portuguesa!

Joaquim Bensaúde (*L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Bern, 1912), faz um estardalhaço ao seu occupar do *Almanach perpetuum* de Abrão Zacuto, judeu de Salamanca, quando a verdade é que a inclinação da eclíptica, isto é, a declinação máxima do Sol adotada por este astrônomo, é aquela de 23°33 minutos determinada mais ou menos no ano 830 em Bagdá pelos astrônomos do califa Almamon. Quanto a Regiomonte, apresenta para a declinação máxima do Sol 23°30 minutos, elemento este mais exato que o de Zacuto e baseado em suas próprias observações.

Pedro Nunes, inegavelmente o maior matemático português daquela época, nos seus trabalhos, principalmente no *Tratado só-*

bre certas dúvidas de navegação e no *Tratado em defesa da carta de marear*, publicados em anexos no *Tratado da Esfera* de Sacrobosco que traduziu para o português em 1537, não cita nunca Zauto nem o seu discípulo dileto José Vizinho, ao passo que a todo o momento refere-se a Campana, Cardano, Marco Beneventano, Oronzio Fineo e, sobretudo aos alemães Werner, Walther, Stoeffler, Perurbach e especialmente a Johann Müller (Regiomonte), sendo que é dêste a declinação máxima do Sol que adota. Bensaúde fala com ênfase das *sciences peninsulaires*, das *sciences* pertencentes aos *peuples iberiques*, mas a verdade é que essas ciências eram dos hebreus.

Depois de uma série de explicações tendo por escopo defender a todo transe o seu ponto de vista que é aquêle de terem sido os pilotos portugueses os *nec plus ultra* da ciência náutica, Duarte Leite cai na dura realidade e diz textualmente: “é pois indubitável que em 1502 havia várias publicações onde os estudiosos podiam colher elementos para se servir de tábuas solares nas determinações de qualquer latitude”. Mas logo se arrepende e procura escapar pela tangente acrescentando: “os estudiosos talvez, mas não os pilotos desprovidos de regras práticas com que utilizar as tábuas solares no cálculo das latitudes”. Mas se em Portugal, como sabemos, existia gente capaz de adaptar as referidas tábuas ao uso dos pilotos, facilitando-lhes os cálculos, por que razão a mesma adaptação não podia ser feita em outros países, principalmente na Espanha? Mas a verdade é que, com quadrantes, astrolábios, balestilhas e tábuas de declinações solares, os pilotos e mesmo os cosmógrafos portugueses, à semelhança dos de outras nações, cometiam graves erros ao calcular latitudes.

No referido *Imago Mundi* de Colombo existe esta anotação:

“Em dezembro do ano de 1488 desembarcava em Lisboa Bartolomeu Dias, capitão de 3 caravelas que o serenissimo Rei de Portugal tinha enviado a descobrir terras da Guiné. E referiu ao mesmo serenissimo Rei que tinha passado... até um cabo que êle denominou da Boa Esperança, o qual estimamos ser em Agesinha [a terra mais austral de que teve noticia Ptolomeu] e que êste lugar se acha em 45 graus ao sul do equador, como se deduz do astrolábio...” (21).

Na *Historia Rerum Ubique Gestarum* do Papa Pio II, exemplar que pertenceu a Colombo, há uma anotação que diz:

“O serenissimo Rei de Portugal enviou à Guiné no ano de 1485, mestre José, seu médico e astrólogo, para saber a altura do sol em tôda a Guiné, como tudo cumpriu, e comunicou ao dito serenissimo Rei, estando

(21). — Apud A. Fontoura da Costa, obra citada, página 37.

eu presente com muitos outros; em 11 de março, êle achou que a ilha dos ídolos, perto da Serra Leoa, distava do equador 5 graus e zero minuto, *o que êle verificou com o maior cuidado*. Mais tarde o dito serenissimo Rei enviou ainda, muitas vèzes, observadores a outros lugares da Guiné... *e achou sempre resultados de acôrdo com o mestre José, porque êle considerava como certo que o Castelo da Mina estava no equador*" (22).

Enorme o êrro de Bartolomeu Dias, porque o cabo da Boa Esperança está a 34 graus e 25 minutos de latitude sul e não a 45 como disse. Êrro gravíssimo de José Vizinho, porque a ilha dos Ídolos acha-se a 9 graus e 30 minutos de latitude e não 5 graus distante do equador, como afirmou o grande discípulo de Zacuto. Mas como Colombo tem as costas largas, os historiadores portugueses sem a menor cerimônia dizem que os erros são dêle que não soube tomar acertadamente as notas de Bartolomeu Dias e de José Vizinho. Não tardará muito a encontrarem um "bode expiatório" para responder pelos erros de latitude que existem, conforme comprovou Levillier (23), no *Esmeraldo de Situ Orbis* do famoso cosmógrafo Duarte Pacheco Pereira, um dos delegados de Portugal no Tratado de Tordesilhas.

Prosseguindo na sua análise ao nosso livro, afirma Duarte Leite que a concepção geográfica da existência de um continente interposto entre a Europa e a Ásia, não é de Vespucci, mas sim dos navegantes e cosmógrafos portugueses. Que a êstes também pertence a prioridade da idéia de ser procurada uma passagem ao sul da América Meridional para, rumo ocidente, atingir as coibiçadas Molucas, e não ao vaidoso Florentino.

Em que se baseia êste professor português para sustentar a tese de pertencer aos nautas e cosmógrafos lusos a prioridade da concepção geográfica de que as terras do ocidente eram um novo mundo? Em algum documento recentemente encontrado alhures? Não. A sua afirmativa tem por base uma surrada passagem da carta que Piero Pasqualigo, embaixador de Veneza em Lisboa, enviou à Senhora a 18 de outubro de 1501, dando notícia do retôrno àquêle pôrto da caravela da expedição de Gaspar Côrte Real à região boreal da América, e também no conhecido planisfério de Cantino.

Há 72 anos, em 1883, o príncipe dos americanistas Henry Harrisse evidenciou que o tópicio da carta de Pasqualigo que impressionou Humboldt e que ainda impressiona os historiadores portugueses, não tem o valor que lhe emprestam os chauvinistas. Vejamos o que disse Harrisse:

(22). — Apud A. Fontoura da Costa, obra citada, página 37.

(23). — Obra citada, página 165.

“Quando Alexandre de Humboldt escrevia o seu *Examen critique*, Leopoldo Ranke lhe deu conhecimento de uma carta que acabava de descobrir entre os manuscritos da Marciana. Impressionado pela importância desse documento, o eminente historiador da geografia do novo continente deu-se pressa em anunciá-lo em seu *Examen critique* com estas palavras: “Eu provarei na *Troisième Section*, publicando uma carta inédita e copiada recentemente por Ranke dos arquivos de Veneza, que, mesmo antes da viagem de Colombo a Honduras e Verágua, no mês de outubro de 1501, já sabiam em Portugal que as terras do Norte, cobertas de neves e gelo, eram contíguas às Antilhas e à “Terra dos Papagaios” recentemente achada. Esta terceira seção nunca foi publicada e não se sabe qual o fim que teve o manuscrito. Quanto à carta anunciada por Ranke, apesar das insistentes buscas nos arquivos venezianos em 1867 e 1880, não pudemos descobri-la, mesmo nos *Diarii di Sanuto*, cujo manuscrito, é preciso confessor, estava quase ilegível devido ao desbotamento da tinta e à velhice do papel”.

“Tendo recentemente iniciado novas pesquisas em Veneza, principalmente nas relações da Espanha e Portugal, que Ranke tinha consultado em 1829, e essas investigações não dando resultado, Bartolomeo Cecchetti, erudito superintendente dos arquivos, teve a gentileza de dedicar os seus esforços no que diz respeito aos *Diarii de Marin Sanuto*, onde, no ano de 1501, encontrou de facto a carta tão procurada. É o despacho que enviou Pietro Pasqualigo à Senhoria de Veneza, em 18 de outubro de 1501, participando a chegada a Lisboa, em 9 e não a 8 do dito mês, da primeira caravela de Gaspar Côte Real”.

“Nessa missiva, os dizeres são quase idênticos aos que Pasqualigo enviou a seus irmãos no dia seguinte; mas nota-se uma frase importante que não é encontrada na carta particular de 19 de outubro. Em seguida à passagem: “Eles percorreram cerca de 600 ou 700 milhas de costa dessa terra sem jamais encontrar fim, o que leva a crer que é terra firme. Esta terra faz parte da outra terra descoberta o ano passado, no setentrião”, encontra-se efetivamente a frase referida por Humboldt, a qual, no original está assim redigida: *Etiam credeno conjungersi con le Andillie, che furono discoperte per li reali di Spagna, et con la terra dei papagá, noviter trovata per le nave di questo re che andorono in Calicut*. Literalmente: Também crêem estar ligada com as Antilhas que foram descobertas para os reis da Espanha e com a terra dos papagaios recentemente achada pelas naus deste rei que foram a Calicute”.

“Deve-se concluir dessa frase que os portugueses acreditavam na existência de uma costa prolongando-se sem solução de continuidade, do Brasil à ilha da Terra Nova, em consequência de uma exploração verdadeira de Gaspar Côte Real, ou de outro navegante português realizada antes de 1502? Absolutamente não”.

“Os leitores notarão logo a forma dubitativa da frase: *As gentes da caravela crêem* — “*credeno questi di la caravella...* Em seguida Pasqualigo dá as razões que servem de base a êsse modo de expressar: “*El creder questo se moveno, prima, perché, havendo corsa la costa de ditto terra per spazio de 600 et piú milia non hanno trovato fin alcuno*”. “Esta opinião procede antes de tudo por terem percorrido a costa na distância de mais de 600 milhas sem ter encontrado o fim”.

“A carta endereçada por Pasqualigo a seus irmãos indica um motivo suplementar que parece ter estado na imaginação de Gaspar Córte Real, e, com razão, mais provante ainda: “*Questo in stesso li fa credere la moltitudine de fiumare grossissime che anno trovate la: che certo de una ensula none haria mai tanto et cosi grosse*”. Isto é, “Eles acreditam isso por causa da multidão de grandes rios que êles lá encontraram, pois, certamente, uma ilha não teria nunca tantos e assim caudalosos”.

“Enfim, o motivo referido por Cantino da demora prolongada de Córte Real nas novas terras, é que êsse navegante não queria voltar a Portugal antes de ter certeza se essa região era uma ilha ou terra firme: “*Che vole intendere se quella é insula, o pur terra ferma*”. E’ a esperança de que participava Pasqualigo quando escrevia à Senhoraia: “*Expetasse di zorno in zorno l’alta caravella capitania, da la qual distinctamente si intendrà la qualità et condition ch’è la sopradita terra, por discoprir quanto piú potrà de quella*”. Isto é: “Espera-se de dia a dia a outra caravela, pela qual positivamente se saberá a natureza e condições da sobredita terra, para descobrir quanto mais dela puder”.

“Infelizmente, Córte Real jamais voltou, e se os portugueses tiveram no ano de 1501 conhecimento da natureza exata das regiões transatlânticas, isso não foi seguramente por meio das expedições dos Côrtes Reais”. A carta revelada por Ranke não implica, pois, como pensava Humboldt, que em Lisboa, em 1501, se soubesse de ciência própria que as terras do norte eram contiguas ao Brasil” (24).

Nós aduzimos a êste tópico do trabalho de HARRISSE o seguinte argumento: a abordagem de Cabral em Pôrto Seguro em 1500, na persuasão de ter aportado em uma ilha, e a dos Côrtes Reais nas regiões boreais do Novo Mundo, não eram elementos suficientes para se concluir que em 1501, ou em 1502, quando o cartógrafo português desenhava o planisfério de Cantino, já se soubesse em Portugal que existia um continente entre a Europa e a Ásia.

Não faz muito tempo, outro historiador português, Jaime Cortesão, visando defender a tese sustentada pelo professor Duarte Leite, de pertencer a navegantes lusos a prioridade da concepção de que as terras do Ocidente eram um novo mundo, um con-

(24). — *Les Corte Real*, Paris, 1883, páginas 129 a 134.

tinente interposto entre a Europa e a Ásia, aduziu alguns argumentos que, só pela excentricidade, passamos a apreciar.

Começa Cortesão (25) por afirmar:

“Hoje, e graças à publicação de novos documentos, pode afirmar-se com efeito, que Pedro Álvares e os seus capitães trouxeram de sua viagem mais do que a suspeita, a persuasão de ter descoberto com a terra de Vera Cruz, um Mundo Novo, quer geográfico, quer humano”.

Em seguida passa êsse historiador a citar os novos documentos. O primeiro é a segunda carta que, nos primeiros dias de julho de 1501, o banqueiro e mercador Bartolomeo Marchioni enviou a Florença (26), na qual descreve a viagem de Cabral à Índia e onde há êste tópico:

“Este rei (D. Manuel) achou recentemente nesta (viagem) um Novo Mundo, mas é perigoso navegar sôbre a extensão dêsses mares”.

O segundo documento é o ato notarial de Valentim Fernandes, já por nós citado neste trabalho, lavrado em Lisboa a 20 de maio de 1503, para acompanhar a imagem dum tupi e a pele de um jacaré, enviados a Burges por um mercador flamengo, onde existe esta passagem:

“Uma armada de 13 grandes naus do poderosissimo D. Manuel I, rei de Portugal, etc., descobriu, por designio da Divina Providência, aquem do Ganges, num mar desconhecido e abaixo da linha equinocial, um outro mundo, ignorado de tôdas as outras autoridades, no ano de Cristo de 1500 e no último dia do mês de abril”.

Após essas duas citações, impresionado com as expressões “novo mundo” e “outro mundo” nelas contidas, conclui Cortesão:

“O conjunto destas referências leva-nos a admitir que o conceito de um Novo Mundo fôsse pela primeira vez formulado pelos descobridores de Vera Cruz” (27).

Acontece que, como acertadamente diz Vignaud (28):

“Cette expression (Nouveau Monde) se trouve fréquemment dans les auteurs du temps, qui l'emploient le plus souvent au sens figuré. En parlant des régions nouvellement découvertes, tant en Afrique qu'à l'Occident, quand on disait le “Nouveau Monde” on entendait généralement par là les régions récemment connues et inex-

(25). — *A carta de Pero Vaz de Caminha*, edição Livros de Portugal Limitada, Rio de Janeiro, 1943, páginas 83 a 84.

(26). — Vide o inteiro teor dessa carta no nosso livro *O Descobrimento do Brasil*, São Paulo, 1946, Companhia Editora Nacional.

(27). — Obra citada, página 86.

(28). — Obra citada, página 194.

plorées jusqu'alors, mais non des contrées dont l'existence n'était par établie avant leur découverte et qui étaient distinctes de l'Asie".

Haja vista Colombo que, tendo morrido com a suposição de ter descoberto a costa leste da Ásia (Cipango e Chatay), declarou após a sua terceira viagem de 1498, na qual descobriu a terra firme de Pária, dirigindo-se aos Reis Católicos... "Vuestras Altezas tienen acá *otro mundo*" (29), e acrescentou: "cometi viage nuovo *al nuevo ciclo e mundo*, que hasta entonces estaba en oculto" (30). Mais concludente é o mapa esboçado em 1503 por Bartolomeo Colombo, com o escopo de representar as terras então descobertas pelo seu irmão, as quais denominava Ásia, mas onde na região que compreende as terras de Pária existe esta sugestiva legenda: *Mundo Novo*.

Páginas adiante (31), diz o historiador português Cortesão que, "o conceito de Novo Mundo foi inicialmente formulado pelos tripulantes da armada de Cabral, e encontrou em Caminha o seu primeiro intérprete". Acontece, porém, que este epistológrafo doutou do seguinte modo a sua famosa carta: "Dêste Pôrto Seguro *da vossa ilha de Vera Cruz*". Cortesão não vê nisso nenhuma séria objeção à sua afirmativa, declarando que o vocábulo *ilha* tinha então, como outros de caráter geográfico, significação mais lata (32). Mas nós sabemos que, tanto os navegantes com os cartógrafos daquela época, o de que mais questão faziam era justamente distinguir as ilhas de terra firme e vice-versa.

Como sabemos, o nome com o qual batizaram a terra recentemente achada por Cabral, foi *Ilha de Vera Cruz*. Mas logo que perceberam o engano, tiveram pressa em denominá-la *Terra de Santa Cruz*. Por que essa mudança de denominação, se como diz Cortesão, "o vocábulo *ilha* tinha então, como outros de caráter geográfico, significação mais lata"?

Denominando Caminha *ilha* a terra recém-descoberta por Cabral, é evidente que tanto êle como os demais tripulantes da frota que aportara em Pôrto Seguro, inclusive Mestre João que escreveu a D. Manuel dizendo que *quatro eram as ilhas encontradas*, não podiam ter o conceito, como pretende Cortesão, de que acabavam de descobrir um novo mundo.

Tratando-se do planisfério de Cantino desenhado em Lisboa em 1502 para Ercule D'Este, duque de Ferrara, a opinião geralmente aceita é que o cartógrafo português que o traçou, pelo menos tratando-se do hemisfério setentrional, supunha que as terras

(29). — Navarrete, obra citada, vol. I, página 386.

(30). — Navarrete, obra citada, vol. I, página 388.

(31). — Obra citada, página 111.

(32). — Obra citada, página 110.

e ilhas nele assinaladas faziam parte da Ásia. De fato. Numa península desenhada nesse mapa e que parece ser a Groenlândia, existe esta legenda:

“Esta terra he descoberta per mandado do muy excellentissimo princepe dom manuel Rey de Portugall a qual se cree ser a ponta dasia. E os que a descobriram chegaram a terra mais vironla e nam viram senam serras muyto espessas polla quall *segum a opinyon dos cosmogafos se cree ser a ponta dasia*”.

Em 1924 o geógrafo e historiador norte-americano George E. Nunn (33), recorrendo não só a diversos documentos, mas principalmente à cartografia americana vetustíssima, provou de modo o mais convincente, que a suposta Flórida do mapa de Cantino, nada mais é do que um trecho ampliado da ilha de Cuba, que o cartógrafo do mapa em apreço supunha ser uma parte do litoral leste da Ásia. Resumindo a sua tese, diz textualmente Nunn:

“A terra a noroeste da ilha Isabella (do mapa de Cantino) não é a Flórida. Esta terra foi desenhada na crença de que era o continente asiático. As idéias, então correntes, sôbre o leste da Ásia, conforme podemos observar no globo de Behaim e no mapa de Henricus Martellus Germanus, foram adotadas, apesar de que o gôlfo foi colocado um pouco mais ao norte do que devia ser. Já demonstramos como isso iria prejudicar as descobertas de Colombo e de Caboto. As terras realmente exploradas e denominadas com a idéia de serem o leste da Ásia foram: Cuba descoberta por Colombo e a costa nordeste da América do Norte, descoberta e explorada por João Caboto e os Côrtes Reais. O cartógrafo ao tentar resumir um conjunto de dados confusos — teóricos, documentados, cartográficos e orais — produziu aquilo conhecido por mapa de Cantino” (34).

A concepção geográfica de que as terras do Ocidente, principalmente as situadas no hemisfério setentrional, nada mais eram que o prolongamento da Ásia, perdurou até 1538, quando Gerardo Kremer, mais conhecido por Mercator, no seu mapa *Orbis Imago*, desenhou o Novo Mundo completamente separado da Ásia, inscrevendo com letras bem visíveis as duas primeiras sílabas da palavra América no continente setentrional e as duas últimas no meridional.

Com relação a Vespucci, não temos necessidade de recorrer à *Mundus Novus* que consideramos apócrifa, para chegarmos à conclusão de que, ao voltar êle da sua viagem de 1501-1502, tinha nítida compreensão de ter percorrido o litoral dum vasto continente.

(33). — *The Geographical Conceptions of Columbus*, New York, 1924, páginas 91 a 141.

(34). — *Obra citada*, página 141.

Na sua viagem de 1499-1500, em parte com Hojeda, percorreu Vespucci o litoral atlântico do continente sul-americano desde 6 graus de latitude sul até a foz do Madalena. Na segunda viagem, na de 1501-1502, desde o cabo de São Roque até o pôrto de São Julião que está a mais de 49 graus de latitude sul. Num percurso tão grande como êsse, qualquer navegante ficaria convencido da existência de um novo continente, mormente notando a cada passo que, em lugar de densa e civilizada população com a da Ásia, encontrava malocas e escasso número de selvagens e até de antropófagos. E depois, baseando-se em quem passaram os cartógrafos da época, a partir de Waldseemüller, a desenhar em seus mapas um continente situado ao sul das Antilhas e que denominaram América?

Resta-nos apreciar a questão que diz respeito a quem pertence a idéia de ser procurada uma passagem pela extremidade da América Meridional a fim de atingir as Molucas. Tanto Sophus Ruge (35) como Jean Denucé (36), afirmaram que ela toca incontestavelmente a Vespucci. São opiniões valiosas, dada a erudição dêsses dois historiadores da época dos descobrimentos marítimos. Mas, nós queremos, em vez de aduzir argumentos, citar aqui um documento de invulgar valor e acima de qualquer suspeita, provando que muito antes de Magalhães realizar a sua feliz travessia, o Florentino tinha já amadurecido o seu projeto. E' o despacho que o embaixador de Veneza na Espanha, de nome Francesco Corner di Fatino, enviou à Senhoria, datado de Burgos a 16 de julho de 1508. Nesse despacho existe êste tópico:

“Almerico fiorentino, che è quello che va discoprendo le insule, mi ha deto... che ha havuto ducati 13 milia de tratte di dette insule, et che è per andare a provvedere de buone navi a Biscaglia, le quali tutte par le vuol fare investire de piombo, et andar per via de ponente a trovar le terre che trovòno Portugalesi navigando per levante, et partirá infallantes questo marzo, nec alia” (37).

Notem bem. Corner diz que Vespucci vai adquirir bons navios na Biscaia e revestir todos de chumbo, para com êles *ir pela rota do poente encontrar as terras que encontram os portuguezes navegando pelo levante*, e partirá infalivelmente êste mês de março.

O documento que acabamos de transcrever, como vimos, é de 1508, não faltando quem possa dizer que, antes dessa data, já se sabia em Portugal das possibilidades da viagem idealizada por

(35). — *Geschichte des Zeitalters der Entderckungen*, Berlim, 1881, terceira parte, capitulo III, tradução portuguesa por Manuel d'Oliveira Ramos, página 407.

(36). — *Magellan, la question des Moluques et la première circumnavigation du globe*. Memoires de l'Acad. Royale de Belgique, classe des Lettres et des sciences morales. Sér'e II, tome IV, Bruxelles, 1906-1911.

(37). — *Raccolta Colombiana*, parte III, volume I, página 95.

Vespucci e realizada mais tarde por Magalhães a expensas da Espanha. Mas História não são arriscadas conjeturas, e sim documentos.

O professor Duarte Leite, encerrando a sua crítica ao nosso trabalho, assim escreveu:

“Em remate a esta análise do livro de Marcondes de Souza, dir-lhe-ei que a figura de Vespúcio, astrônomo abalisado, cosmógrafo arguto, navegador destro e audaz descobridor, é puramente imaginária, e foi fabricada por patricios seus, que conseguiram embair outros admiradores, graças à imprensa. O verdadeiro Vespúcio era um florentino ladino, vaidoso, ambicioso e com leituras superficiais de ciências exatas, que como mercador fêz duas viagens com espanhóis e portugueses, em que assistiu a descobertas. Narrou-as ao seu patrão Lourenço de Médici, perante quem se armou em seu autor; mas não se gabou de tanto na Espanha ou em Portugal, porque se riram d’ele”.

Vespucci mercador, diz Duarte Leite. Mercador para vender a quem ou para comprar o que? Acaso a terra que percorreu não era habitada somente por selvagens e até por antropófagos, com abundância só de papagaios e macacos? Ou supõe Duarte Leite que o Florentino realizou as viagens que sabemos com o intuito de comprar uma partida de cacau na Bahia e outra de café suave na Colômbia para os Médici?

O procedimento incorretíssimo que o rei D. Manuel teve para com a maioria de seus dedicados e leais servidores, entre eles Antônio Galvão, Fernão de Magalhães e Afonso de Albuquerque, quis ter para com Vespucci como nos relata Piero Rondinelli na sua carta escrita de Sevilha a Florença em 3 de outubro de 1502 (38). Mas o Florentino que era inteligente e sabia de que modo esse monarca português costumava recompensar os serviços de seus esforçados colaboradores, não permitiu que este risse à sua custa, voltando imediatamente a Castela. E neste país, não dizemos que se gabou; mas narrou aos Reis Católicos o resultado das suas viagens, revelando a alta latitude austral que atingiu e disse da possibilidade de ser encontrada uma passagem para oeste ao sul do continente americano que percorrera em quase toda a sua extensão. E daí... riram-se não de Vespucci, mas dos que em Portugal não compreenderam o alcance de seu projeto. Deram-lhe carta de cidadania espanhola e depois o nomearam piloto-mor, o mais elevado cargo técnico da marinha de Castela que era naquela época a maior potência naval do mundo.

Quem estuda a rica documentação existente nos arquivos espanhóis, se convencerá que Vespucci desempenhou papel de gran-

(38). — *Raccolta Colombiana*, parte III, volume II, páginas 120 a 121.

de relêvo no estudo e execução do plano que em 1520 Magalhães pôs em prática atravessando o estreito que conserva o seu nome e penetrou no Pacífico em busca das ambicionadas Molucas.

No número da *Seara Nova* correspondente ao mês de novembro de 1949, o professor Duarte Leite criticando a tese que, como já dissemos, apresentamos ao IV Congresso de História Nacional — *A Expedição de 1501-1502 e Amerigo Vespucci* —, escreveu esta passagem:

“Após exaustivas e escrupulosas investigações dos feitos e méritos de Américo Vespúcio, terminadas há uns vinte anos, que nô-lo representam um navegador improvisado, cosmógrafo feito à pressa e falso descobridor de terras já vistas por outrém, era de esperar o desaparecimento da mania vespuciana que longos anos dominou os espiritos”.

Agora volta de novo o professor português a estranhar nos termos ocupado de Vespucci, o que nos leva a concluir que Duarte Leite está com a idéia fixa de que a última palavra a respeito do Florentino foi êle que a disse e que, portanto, a discussão está encerrada para sempre, ninguém mais tendo autoridade de voltar a se ocupar de Vespucci e suas viagens. Isto, lamentamos dizer a tão respeitável pessoa, ultrapassa os limites da vaidade e daí o iluminado professor ver em cada vespucista um inimigo rancoroso das glórias marítimas de Portugal, quando o que em realidade existe são intelectuais a defender o Florentino dos sistemáticos ataques de uma minoria pirrônica.

Ao terminar estas nossas refutações à crítica que ao nosso livro fêz Duarte Leite, não podemos deixar de agradecer, penhorados, o feliz ensêjo que nos proporcionou o professor português Vitorino Magalhães Godinho de evidenciarmos que, não é só na velha Europa onde se estuda com carinho a vida dos grandes navegadores dos séculos XV e XVI, mas também aqui no Novo Mundo. Sem prosápia, despidos de qualquer preconceito porque não está em cheque a nossa vaidade nacional, nós americanos temos o firme propósito de evitar que elementos perturbadores, subjetivos e irritantes, invadam o campo sereno da história dos descobrimentos marítimos que tanto cultivamos.

T. O. MARCONDES DE SOUZA

Da Sociedade de Estudos Históricos, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.